ELOGIO ACADÊMICO DE EDUARDO GOMES DE MATOS

Hélio Melo

Indeclinável dever de gratidão e consciência me traz a esta tribuna. E aqui falo, nesta erudita entidade cultural, sobre uma figura de quem recebi os mais vigorosos estímulos para o estudo do Vernáculo: o Professor Eduardo Gomes de Matos. Confesso-me do mesmo passo intimamente satisfeito por ocupar-me do mestre de que guardo enternecidas recordações. Vivo, por conseguinte, um momento de espiritualidade, de lembrança afetiva daquele que o mármore frio guarda dos embates da vida terrena.

Conheci-o desde os idos de 1938, ano em que concluía meu curso de humanidades no antigo Liceu do Ceará. Desde então, redobrou-se-me o interesse pela língua pátria, que se tornaria sem dúvida minha maior preocupação cultural.

Conquanto houvesse tido ilustres mestres do Vernáculo, o Professor Eduardo Gomes de Matos marcou-me definitivamente os primeiros passos nos segredos do Idioma.

Nascido no Crato, no dia 12 de agosto de 1892, era ele o 13º dos catorze filhos do casal Raimundo Gomes de Matos e Claudiana Matos Leite. Perdeu o pai com a idade de apenas dois anos. Foram seus irmãos: Maria Gomes de Matos Nogueira; Raimunda Gomes de Matos Bezerra; Dr. Francisco Gomes de Matos, formado em Direito e conhecido na intimidade como o Dr Chiquinho; Dr. Raimundo Gomes de Matos, que foi professor e Diretor de nossa Faculdade de Direito e Secretário de Polícia e Segurança Pública, além de jornalista brilhante; Dr. Pedro Gomes de Matos, farmacêutico, pai do também farmacêutico e laureado historiador, Dr. Pedro Gomes de Matos, que fez deMaranguape seu segundo berço natal; Otília Gomes de Matos, que não sobreviveu à infância; Cecília Gomes de Matos Pimentel; Dirceu Gomes de Matos que, tendo viajado, não mais deu notícias de seu paradeiro; Alfredo Gomes de Matos, militar; Adélia Gomes de Matos Figueiredo; Artur Gomes de Matos, funcionário da antiga R.V.C., hoje RFFESA; Celso Gomes de Matos, jornalista; Jorge Gomes de Matos, que também desapareceu do seio da família sem jamais dar notíciais.

Nosso biografado o Professor Eduardo Gomes de Matos, iniciou a vida pública como Secretário da Prefeitura de Santana do Cariri, de 1914 a 1921, exercendo, posteriormente, o mesmo cargo em Senador Pompeu, na gestão de seu cunhado, o Dr. Eduardo Dias Nogueira. Foi depois professor de Português nas cidades de Guaramiranga e Pacoti, na serra de Baturité.

Em seguida, continuando sua peregrinação pelos sertões cearenses, esteve em Canindé, em cujo convento de São Francisco residiu oito anos, ensinando Português e Francês no Colégio dos Frades Capuchinhos.

Durante essa época colaborou no jornal "Santuário de São Francisco", de que foi redator-chefe.

Aos 25 de janeiro de 1938, foi designado para exercer, em comissão, as funções de Inspetor Federal de Estabelecimentos de Ensino Secundário, em nosso Estado, por ato assinado pelo Presidente Getúlio Vargas, referendado pelo Ministro Gustavo Capanema e publicado no Diário Oficial da União de 2 de fevereiro do mesmo ano. Tomou posse das novas funções no dia 12 do citado mês e ano.

Após afastar-se da pacata e religiosa cidade de Canindé, aonde o levara o múnus magisterial, deixou de ter o ensino como meio de vida, pois o novo cargo lhe garantia a subsistência, posto que modesta. Aqui assentou vida nova, muito diferente da que enfrentara no interior cearense. Foi dos mais eficazes Inspetores do Ensino que conheci, notadamente pela escrupulosa honestidade com que exercia o cargo. Entre os muitos estabelecimentos de ensino que estiveram sob sua criteriosa fiscalização, podemos citar o Colégio Santa Cecília, o Colégio Castelo Branco, o Colégio Juvenal de Carvalho, o Colégio Imaculada Conceição, o Colégio Christus, o Colégio Estadual Justiniano de Serpa e o Colégio 7 de Setembro, onde esteve por maior espaço de tempo. Presidiu Comissões de Verificação Prévia para funcionamento de colégios em Fortaleza e no interior do Estado, entre estes o Colégio Anchieta, de Maranguape.

Conheci-o aos 45 anos, na força da maturidade e na plenitude do vigor físico e intelectual. Tive o vasto prazer de conviver com esse mestre durante 27 anos, sempre unidos, numa amizade fraterna, já em horas de infortúnio, já em ocasiões de felicidade. Com sua influência, acendrou-se-me o gosto do Vernáculo, conforme já o disse, não sendo demais repeti-lo. Nunca se arvorou em mestre, porquanto só falava a linguagem simples do homem modesto que sempre foi. Provas autênticas dessa faceta de sua personalidade, dão-no-las as publicações que jazem dispersas nos jornais e revistas do seu tempo.

Discípulos, teve-os e muitos. Brilham eles no cenário cultural do Ceará. Basta lembrar nomes como José Rebouças Macambira, Mário Barbosa Cordeiro, Francisco Corrêa de Araújo e Antônio Pessoa Pereira, para só citar os que se tornaram também mestres do Vernáculo.

Quanto mais se aprofundava no estudo da língua portuquesa, menos conhecia o mundo. Homem de boa-fé, sofreu por isso mesmo terríveis desenganos. Levou a vida em harmonia com seus austeros princípios. Por ser um temperamento difícil, arredio e sobretudo supersensível, poucos eram os seus contactos sociais. Talvez isso decorresse de sua natural reação ao artificialismo mundano. Sua vida desambiciosa foi uma constante renúncia de si mesmo, o divórcio de convenções sociais. Trancava-se por vezes num isolamento hermético, que era o "habitat" do seu próprio "eu", exótico, frio, impenetrável. Já dizia o velho Machado, se a memória me não trai, que

''o coração humano é um poço de mistérios''. Muitas de suas amarguras, deixava-as no recôndito de sua alma. Era um espírito independente e por isso sofria. O ser independente traz ao homem percalços e aflições. Por sua índole tão simples e boa que atingia as raias da ingenuidade, não tinha a compreensão exata da malícia do mundo, ''da desumanidade do homem para com o homem'', na expressão crua de Voltaire.

As pessoas com as quais entrava em contacto notavam-lhe uma indisfarçada timidez, devida, segundo suponho, aos oito anos em que esteve enclausurado no convento de Canindé, timidez que, paradoxalmente, se transformava por vezes em reações violentas. Poder-se-ia chamar uma ''timidez agressiva''. Pacífico e impetuoso, indiferente e sentimental, era Eduardo uma alma de variados sentimentos que se conflitavam.

Personalidade inteiriça, não se fracionava aos embates das paixões humanas. Amigo de seus amigos, estes o estimavam, deveras. ''A única maneira de ter um amigo é ser amigo'', já dizia Emerson.

Soube, assim, cultivar o gênio da amizade dos poucos amigos que teve.

Parecia, às vezes, um homem fora do tumulto do mundo, em atitudes de franca obliteração. Tinha momentos e até dias de introspecção. Tudo nele recendia ao passado. Sempre de chapéu e bengala, que só deixou pouco tempo antes de falecer, parecia mesmo um homem vindo de outro século. Seus hábitos eram cronometrados e se repetiam diariamente, em monótona e tranquila rotina que se sucedia por anos a fios. Uma vida simétrica, que soube sistematizar de acordo com o seu temperamento. As mesmas obrigações, em horas rigorosamente certas. Jornadeava diariamente os mesmos caminhos. Sua pontualidade, na repetição diária de todos os seus atos, poderia ser comparada à de Kant. O filósofo alemão, como se sabe, fazia tudo à mesmíssima hora, levando um de seus biógrafos a dizer que ''a vida do filósofo de Koensberg semelhava o mais regular dos verbos regulares''. Assim era Eduardo. Era-me habitual vê-lo subir às 21 horas, precisamente, recolher-se aos seus modestos aposentos no Edifício ''Majestic''. A monotonia de sua vida, decorrente da força opressiva do hábito, nele criou quase que uma segunda natureza. Seu espírito ultraconservador contrapunha-se às inovações. Sentia-se-lhe claramente o desprezo das reformas de qualquer natureza. Como disse, era homem antigo lançado num mundo moderno a cujas transformações reagia. Seus hábitos, seus costumes, repito-o, tinham a ressonância do passado. Possuía realmente o amor da tradição.

Pouco analista do coração humano, padecia por isso decepções, não percebendo por vezes o que lhe ia ao redor.

Participava de uma roda de intelectuais, de que era a figura central, onde se discutiam assuntos de relevância cultural, entremeados às vezes de inofensivo falatório. Aí, dava asas a seu temperamento, a um tempo sério e jocoso. Por trás daquela côdea de sisudez havia um espírito muita vez irônico e alegre. Detrás daquela aparência grave, chispava sempre uma

centelha de humor. Dentro do sério, o pitoresco. Ou, não raro, um sério sarcástico. Motejava, nessas ocasiões, de tudo e de todos. Era também uma das propensões naturais do seu espírito chistoso, que expandia, em certos momentos, um surto de vivacidade.

Não sei se se pode dizer que fosse um homem da pena, posto que raras vezes dela se ocupasse. Mas, o pouco que escrevesse, valia a pena de ser lido. Do seu cérebro poderiam ter saído muitos trabalhos, não fora o seu exagerado comodismo.

Não era homem de vida intelectual intensa. Publicou uma monografia sobre a Crase, síntese admirável acerca do assunto. Obra merecidamente elogiada por Sá Nunes que a chamou "Uma jóia para os estudantes". Colaborou na imprensa de Fortaleza com trabalhos de interessante valor lingüístico. Sua figura de vernaculista paira acima de quaisquer atividades que tenha exercido.

Sempre se conformou com o pouco que Deus lhe deu. E isso lhe foi uma bênção. Disse Machado de Assis que "não há pior situação que a de um homem cujo espírito está acima das algibeiras". Embora dispusesse de tempo para ensinar, não o fazia. Por seu espírito comodista faleceram-lhe muitas oportunidade de lecionar nos colégios de Fortaleza. Eu mesmo o convidei para ministrar aulas de Português e Francês num educandário que dirigia em 1945, o Ginásio São Luís, hoje Colégio Nossa Senhora de Lourdes, convite infelizmente rejeitado.

Os diminutos vencimentos auferidos como Inspetor Federal do Ensino lhe asseguravam modesta subsistência. Sabia que as portas do sucesso financeiro jamais estariam abertas ao pobre professor, essa figura esquecida e espoliada, jogada a um turbilhão de reveses e vitórias que se colidem e se compensam. Mal pode garantir-se para a vida incerta do amanhã. Não tem o professor a mútua retribuição daquilo que dá. Oprimido por problemas financeiros, vive, ordinariamente, o drama de sua profissão, sulcada de lutas e sofrimentos. O próprio sacerdócio do magistério lhe impõe abnegação na turbulenta vida do ensino.

O saudoso filólogo Martinz de Aguiar, pouco antes de falecer, em entrevista à imprensa de Fortaleza, no Dia do Professor, declarou que o magistério lhe foi sempre uma carreira ingrata e que nunca foi reconhecida, aconselhando finalmente aqueles que a escolheram que a abandonassem enquanto era tempo.

Senteciados a uma vida afanosa de aulas e mais aulas, num exaustivo e penoso trabalho que cedo lhes exaure as forças, o sacrifício do mestre devia merecer o reconhecimento dos poderes constituídos.

É preciso, senhores, ter ânimo forte para enfrentar as asperezas do ensino Tal como o epicurista, deve o professor viver dos prazeres do espírito, da missão socrática de distribuir a sabedoria. Por isso, o professor deve tomar o ensino, no dizer de Platão, como instrumento de prazer e não

de tortura, conforme o concebia em sua "República". Toda essa luta inglória do pobre mestre só pode ter trégua numa mísera aposentadoria, senão na morte.

O casamento de Eduardo Gomes de Matos tem o sabor de lenda. Enamorou-se de uma jovem - Arcelina Roque da Cruz, que o Destino ia pôr em suas mãos em conjuntura delicada de sua vida. Só 34 anos depois se daria o desfecho épico desse romântico amor, cujo enredo se contém na longa correspondência que mantiveram. A doença, que o levou à sepultura, foi-lhe a cilada para o matrimônio a que tanto resistiu e que Schopenhauer considerava uma guerra. O casamento religioso verificou-se no dia 24 de julho de 1955, no Crato e o civil, em Parangaba, no dia 20 de agosto do mesmo ano. Foi feliz e pôde saborear ainda as doçuras de um lar ditoso, uma vez que seu casamento foi sacramentado também com as bênçãos do amor. Passou a fruir uma vida de tranquilidade e de paz ao lado da esposa. Esta consolá-lo-ia da solidão da velhice e das agruras da doença. Foi ela sem dúvida o raio de luz naquela fase premente que atracessava. Foi a mulher que lhe suavizou as amarguras da alma. Celina, como é tratada na intiminadade, foi o grande amor de sua vida e acredito mesmo que o casamento, preenchendo-lhe o vazio da existência, deu-lhe continuidade de vida.

Dizia-me que nunca em matéria de Fé tivera dúvida. Essa terrível dúvida que tanto assaltara a Descartes, quando dizia que sua existência não era perfeita porque - assinala o filósofo - "vejo claramente que é uma perfeição muito maior conhecer, do que duvidar".

Acreditava Eduardo na força do Cristianismo, na pujança de sua doutrina, que prega o destino infinito dos homens. Ainda alcançou os primeiros passos do Ecumenismo, neste congraçamento de religiões que buscam a Deus, como Senhor de todas as coisas, para fazer-Lhe a vontade divina, abrindo assim largos caminhos a uma consciência comum e maior compreensão entre os homens, para que se estabeleça uma comunhão de paz, justiça e fraternidade.

Tinha a exata medida da relação entre o humano e o divino, entre o temporal e o espiritual, e sabia distingui-los. Cumpria rigorosamente os preceitos legais. Era escravo da lei, especialmente de uma lei moral superior que provém de Deus. Neste Ser Supremo residia o código moral de sua vida. Suas atitudes sempre condiziam com sua dignidade de cristão e com seu caráter austero e íntegro. Admitia a existência de Deus não apenas como ato de fé, mas como fato da razão, como o concebera Tomás de Aquino.

Tinha especial devoção a São Francisco de Assis, nascida sem dúvida dos oito anos em que se enclausurou no convento da Ordem dos Frades Menores em Canindé. Como católico e devoto do Santo de Assis, compreendia o ser humano como irmão em Cristo, Era, portanto, a fé na paternidade de Deus sua grande fortaleza espiritual.

Meus senhores,

Todos os nossos passos caminham para a Morte. Nascemos à beira desse abismo que continua sendo indecifrável enigma para a humanidade. Ela nos cerca por mais que a repilamos. Já se disse que "a morte nos reivindica ao nascermos". Há, sem dúvida, uma estreita ligação entre o berço e túmulo; por isso a vida mesma é morte a longo prazo. E quantas vezes somos despejados sem aviso prévio? Eduardo teve-o nos sinais que lhe precederam a morte. Mas, não se entregou logo à doença. Foi a vontade de viver que assegurou a vida a Nietzsche. Esta, no dizer de Machado de Assis, é "o maior benefício do Universo", acrescentando o Autor de Dom Casmurro, com muito acerto, que "não há mendigo que não prefira a miséria à morte". Se para muitos a vida é breve, para alguns, de alma marcada de dores e decepções, é a vida interminável percurso. Para estes não seria a vida pesado tributo pago à Morte?

Eduardo resistiu, quanto pôde, suportando, com paciência cristã, a doença que lhe ia, pouco a pouco, minando as forças. Seus últimos dias foram um lúgubre desfile de sofrimentos e inquietações. Da última vez que o vi, jamais podia pressentir que o fim lhe estivesse tão próximo, tanto assim que fui surpreendido ao receber da esposa dedicada a notícia de que se achava agonizante. Já me não reconheceu. A seu lado, a fiel companheira que o confortou e assistiu até os últimos momentos de vida. Encontrei-o nas vascas da agonia final. Fisionomia desmudada, olhar tristonho e quase apagado, de onde iam fugindo os últimos clarões da existência terrena. Neste mesmo dia - 5 de setembro de 1965 - às 17 horas, cerrou os olhos ao mundo. O corpo inanimado do mestre desceu à sepultura, no Cemitério de São João Batista, às dez horas do dia seguinte, em meio à consternação dos parentes e amigos. Acabara de completar, no dia 12 de agosto, 73 anos. Não os parecia. Só depois de morto é que lhe soube realmente a idade, que negava até aos amigos íntimos.

Ainda poderia dizer largamento do muito que sei de sua vida. Decorridos quase treze anos da morte que o levou, guardo-lhe bem viva a imagem simples e fraterna. Tive o privilégio de conviver intimamente com o mestre, desde minha adolescência.

Tal à vida desse nunca olvidado amigo, generoso e bom, simples e lhano, cujo nome integra hoje o Patronato da Academia Cearense da Língua Portuguesa, ao lado dos luminares da Filologia no Brasil e em Portugal. e cuja fundação em nossa Capital constituiu um marco cultural para o Ceará.

Aqui, rendo meu tributo à memória do inesquecível mestre, amigo e Patrono nesta Academia, digna sem dúvida do nosso mais elevado apreço.

(Discurso proferido na Sessão Solene de Instalação do II Encontro Nacional da Academia Brasileira da Língua Portuguesa, em Fortaleza, no dia 27 de junho de 1978).

O ELOGIO DO IRMÃO

João Hipólito C. de Oliveira

Golpe certeiro, profundo e pungente foi, para mim, a morte de meu irmão mais velho JOSÉ MARIA CAMPOS DE OLIVEIRA, ocorrida no dia 19 de outubro último.

Certeiro, porque atingiu, de cheio, o meu coração; profundo, porque penetrou no mais recôndito de suas fibras; pungente, porque tocou no mais sensível de suas cordas.

Nascido em Fortaleza a 10 de dezembro de 1915, José Maria foi o primogênito do lar de Antônio Rodrigues de Oliveira e Olga Campos de Oliveira, que se casaram a 24 de outubro de 1914, sendo ele natural de Aracati e ela, de Pacatuba.

Batizou-se, juntamente com os primos da mesma idade, netos de João Pereira Campos, então já falecido, e de Rosa de Medeiros Pereira Campos, Mãe Rosinha, como a chamávamos carinhosamente, ambos de origem portuguesa, residente em Pacatuba, na matriz dessa cidade, de que era vigário o revdmo. padre, depois monsenhor Vital Gurgel Guedes. Teve como padrinhos os tios maternos Francisco Pereira Campos, agricultor na vila de Baú, hoje João Nogueira, que foi, depois da reconstitucionalização do país, em 1946, o 1º prefeito eleito de Pacatuba, por ele tratado afetuosamente de Padrinho Pereirinha, e a sua exma. esposa Beatriz da Silva Campos, ambos já falecidos, tios afins do nosso inesquecível companheiro Renato Braga.

Crismámo-nos na matriz de Pacatuba, por ocasião da visita pastoral de D. Manuel da Silva Gomes àquele município, no início da década de 20, tornando-se afilhado do tio materno José Pereira Campos, a quem votava especial estima, e eu, do revdmo. monsenhor Liberato Dionísio da Costa, escolhidos, por nossos pais, entre seus conterrâneos.

O nome José Maria lhe foi dado por minha mãe pela grande veneração que ela tributava a José Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco, inegavelmente um dos maiores vultos da História do Brasil.

De uma precocidade extraordinária, meu irmão aprendeu horas de relógio aos três anos de idade, cujo conhecimento transmitiu, mesmo, aos primos mais velhos, numa antevisão do professor que ele seria por toda a vida.

Uma feita, José Cavalcante Parente, de saudosa memória, que trabalhou com meu pai na Casa Vilar, me disse que José Maria fora o menino mais inteligente que ele conhecera.

Recentemente, João Menescal Vilar, filho de José Moreira Vilar, proprietário da casa de ferragens que tinha o seu sobrenome, a cuja família me liguei pelo casamento, me fazia idêntica revelação.

O professor Joaquim da Costa Nogueira, diretor do Colégio Nogueira, que cursamos quando alunos do curso primário, reconhecia nele, por igual, um dos seus mais diletos discípulos. Tanto é assim que lhe indicou o nome para bolsista, como se diz atualmente, do Curso Particular de Matemática que o futuro general André Bernardino Chaves, que foi figura de marcante relevo no magistério militar, mantinha no seu estabelecimento, sito à rua General Sampaio 280 (número antigo).

Há menos de um mês, lamentando com o Dr. João Ramos de Vasconcelos César, Juiz do Tribunal Regional do Trabalho da 7ª Região, o falecimento do general Manuel Tomás Castelo Branco, que fora meu contemporâneo de estudos e colega de classe dele e do José Maria, fui surpreendido com sua revelação: "O Manuel Tomás e eu estudávamos juntos, pois morávamos próximos e nossos pais eram funcionários dos Telégrafos, para arrebatar-lhe o comando da turma, mas nunca o conseguiamos. O José Maria era imbatível, por seu preparo em todas as matérias".

O José Maria concorreu, assim, para que eu gozasse, por extensão, da fama de primeiro lugar, como o irmão mais novo Antônio Carlos, o que, quanto a mim, só eventualmente o conseguia.

De um desses triunfos ocasionais, tenho certeza porque o vi registrado no *Correio do Ceará*, edição de fins de 1924, numa publicação do Colégio Nogueira, que reproduzi, imodestamente, em meu *Calendário*, dedicado de último ao resumo do noticiário daquele jornal, há 50 anos passados. Invocando o seu testemunho, tão apagado me considerava diante de sua incontestável liderança, ele me comprovou o fato, com a evocação de que, então, eu fora ao seu encontro, para dizer-lhe de minha vitória.

Integrantes de turmas diferentes, fizemos, entretanto, a 1ª Comunhão no mesmo ano a 28 de outubro de 1924, dia em que, anualmente, depois de 1914, quando se deu o assassinato de seu filho único José de Mendonça Nogueira, o provecto educador encerrava o retiro espiritual do seu estabelecimento. As pregações, a cargo de sacerdotes amigos do prof. Nogueira, católico exemplar, de comunhão frequente, eram feitas no próprio colégio, sendo a missa de encerramento, com comunhão geral dos alunos, celebrada na igreja mais próxima, que era a de São Bernardo, como foi naquele ano, ou na matriz do Patrocínio. Na resenha que fiz para a minha seção do *Correio do Ceará*, verifiquei, ao contrário do que pensava - de que fora o padre Guilherme Waessen o celebrante do ato religioso de 1924 - havermos recebido a primeira comunhão do padre Luis Gussenhoven, lazarista e holandês como o seu companheiro de sacerdócio. Tiramos depois uma fotografia, como era comum naquele tempo, ambos vestidos de branco, com um missal à mão, à frente de um móvel com o retrato de Cristo, segurando a Hóstia, a qual estou a relembrar com a mais dolorosa saudade.

No Colégio Nogueira, havia os Cursos Infantil, Primário e Médio, este

último opcional, e que era mais do que um curso de preparação ao admissão, tal o lastro de conhecimentos que proporcionava.

O José Maria freqüentou o Curso Médio e, em razão disso, eu, que não o fiz, prestei exame para ingresso no curso secundário, como era denominado naquele tempo na sistemática do ensino, no mesmo ano que ele, há precisamente meio século, no Liceu do Ceará, localizado na Praça dos Voluntários. O *Correio do Ceará* da época, numa nota que evoquei no início deste ano, no *Calendário*, dava a nossa comissão examinadora, no Liceu, que foi constituída dos professores Hermino Barroso, Martinz de Aguiar, Manuel de Ávila Gourlat, Henriqueta Galeno e Rodrigues de Andrade.

Aprovados no admissão, continuamos no Colégio Nogueira, mas nos submetemos, no fim do ano, que era o 1º da série, aos exames do Liceu, perante uma banca oficial, de que era inspetor o Dr. Eliezer Studart, logrando aprovação.

Em 1929, matriculámo-nos no Liceu, dirigido por Hermino Barroso, concluindo o seu curso em 1932, ano em que o prof. Nogueira nos convidou, aos três irmãos, para auxiliá-lo em seu estabelecimento.

No Liceu, integramos uma turma, que foi reputada, segundo a autorizada opinião de um dos seus mais ilustres professores, o jornalista H. Firmeza, uma das melhores que já passaram pelos bancos liceais, como se vê da relação de alunos dos seus integrantes: Autran Nunes, Aristides Barreto Neto, Aldo Cavalcante Leite Ilkens Almeida de Aguiar, José Adail Catunda Gondim, José Maria Pompeu Memória, Marcos Botelho, Newton Teófilo Gonçalves, Plínio Teófilo de Aguiar, Rui Simões de Menezes, Salomão Carneiro, Germano Machado Holanda, Raimundo Ernani.

José Maria foi um dos mais distintos e distinguidos liceístas de sua geração e a ele devo, em grande parte, o gosto pela leitura, iniciada com o *Tico-Tico*, a dedicação aos estudos e o êxito nos exames.

Só numa disciplina eu rivalizava com o José Maria nas notas - o Desenho, de que era professor "seu" Nogueira, como o reverenciávamos, por ser mais hábil do que ele na parte artística. Por isso, nos jornais estudantis, de exemplar único, que ele editava, à mão ou à máquina de escrever, a redação das matérias era dele, enquanto que eu me encarregava do seu aspecto gráfico.

Joaquim Nabuco sentenciou com muita propriedade que o traço todo da vida era um desenho de criança essa marca, que eu relembrei no meu discurso de posse no Instituto do Ceará, plasmou a minha como a personalidade de meus irmãos. Era já a afirmação do jornalista que ele seria também e de que me ocuparei posteriormente, uma vez que estou seguindo a ordem cronológica para poder traçar com mais precisão a sua biografia.

Tivemos as mesmas simpatias pelos mestres que, nos fins da década de 20 e no começo da de 30, pontificaram no Liceu do Ceará, à época na casa dos 80 anos.

Além do "Seu Nogueira", os que nos distinguiam, pessoalmente, eram os que privavam de sua amizade, dadas as referências elogiosas que ele fazia dos seus antigos alunos - a trinca dos Campos de Oliveira, como a denominou Mozart Soriano Aderaldo, em seu belíssimo trabalho evocativo de sua contemporaneidade, que foi a nossa também, no mais antigo estabelecimento oficial de ensino do Estado.

Entre estes, o dr. José Francisco Jorge de Sousa, que nos arguia em quase todas as aulas, pelas boas noções que tínhamos da língua francesa, adquiridas nas lições do prof. Nogueira, com os livros de Carlos Ploetz e Monat Ruch, e que nos dispensava um tratamento muito cordial - o diminutivo do nosso sobrenome materno - os CAMPINHAS, e o dr. Roberto Pereira dos Santos Lisboa, professor do Colégio Militar e diretor de um Curso Particular de Física, Química e História Natural, que funcionava no Colégio Nogueira. O dr. Roberto Lisboa, apesar de saber das nossas atividades nesse estabelecimento, impeditivas às vezes de nossa chegada a tempo no Liceu, distante várias quadras do Colégio Nogueira, não deixava de nos dar falta se não chegássemos no início da aula. Parece-me vê-lo, decorridos tantos anos, de caneta automática à mão, qual uma férula, procedendo à chamada pelo nome de guerra do aluno e, depois, passando um giz, que servia de mata-borrão, sobre os Fs que assinalava na coluna correspondente ao dia letivo no diário de classe.

Além desses, mereceram a nossa admiração o Dr. Otávio Terceiro de Farias, que ingressou no Liceu do Ceará através de memorável concurso no ano de 1929, nosso professor de Portugues nesse ano e em 1930, quando "passamos por decreto", que, mesmo sem nos ter ensinado nos anos seguintes, foi o paraninfo da turma de 32; jornalista H. Firmeza, professor de História Geral e do Brasil, da última das quais, como ex-deputado federal, tinha muita vivência; Manuel de Ávila Goulart, amigo do prof. Nogueira e profundo conhecedor de Matemática, cujos segredos muitas vezes não sabia revelar aos outros; para não falar nos que estão vivos e que dignificaram o magistério secundário daqueles recuados anos no velho Liceu - Domingos Braga Barroso, Ermínio de Arújo e Valdemar Barros.

Dois dos nossos professores do Liceu foram membros do Instituto do Ceará, Martinz de Aguiar e José Sombra, mas deste, professor de Filosofia, na 5ª série, só assistimos a poucas aulas, que tiveram o mérito, contudo, de nos dar uma idéia de sua grande cultura, pois faleceu pouco depois do começo do ano letivo em que nos lecionou, em 1932. Coube ao Dr. Jorge de Sousa, que desfrutava do justo conceito de notável tribuno, falar em nome de seus colegas de professorado, tendo pronunciado um discurso fúnebre, que foi comentado, com muito respeito, pelos liceístas daquele ano.

Em 1933, aprovados no vestibular, ingressamos na Faculdade de Direito, da qual era Diretor Menezes Pimentel, e Inspetor Federal o Dr.

Paulo Sarasate, ex-professor do Colégio Nogueira, a quem nos ligamos pelos maiores e melhores laços de amizade.

Com o fechamento do Colégio Nogueira em 1933, nosso pai procurou Demócrito Rocha, que era seu amigo - e o demonstrou - para pedir-lhe um lugar no "O Povo" para o José Maria. Não lhe foi difícil obtê-lo, uma vez que Paulo Sarasate, colega de redação de Demócrito Rocha e seu futuro genro, fora meu professor no Colégio Nogueira e sabia do merecido renome que ele conquistara naquele estabelecimento. A essa altura, os atos oficiais do governo do Estado eram publicados no "O Povo", tendo o interventor de então, Carneiro de Mendonça, convidado Alfeu Aboim, redator do jornal, para dirigir a Imprensa Oficial, criada no seu governo. O primeiro diretor da atual IOCE levou José Maria para o seu quadro de revisores e eu o substitui na redação do "O Povo", sem o brilho que ele lhe dera, como noticiarista em geral.

Impossibilitados de comparecer, diariamente, à Faculdade, mal acomodada, juntamente com a Biblioteca Pública do Estado, no andar térreo da Assembléia Legislativa, nosso curso superior deixou muito a desejar, sobretudo o do José Maria, que se sentiu tolhido no seu inegável talento. Mesmo assim, numa turma em que sobressaíam Flávio Marcílio, Wilson Gonçalves, José do Nascimento, Walter de Sá Cavalcante, Valdemar Leal, Marcos Botelho, Hilário Gaspar de Oliveira, Luís Nodgi Nogueira, Lauro Maciel, Edson Carvalho Lima, Autran Nunes, Elmar Brígido, Pedro Melo, Raimundo de Oliveira Borges, Francisco Olavo, Othon Sobral, Murilo Mota, Cláudio e Fran Martins, e tantos outros, ele era dos mais destacados.

Escreveu sobre os seus colegas de turma, inclusive sobre o irmão, que ora o recorda, torturado pela lembrança, sendo sua crônica relida, 25 anos depois, na Festa das Bodas de Prata, por um dos perfilados.

Na Faculdade de Direito, fomos alunos de Andrade Furtado, que pertenceu a esta casa e que já admirávamos como ex-professor do Instituto de Humanidades, como redator de sua Revista Escolar e como líder católico do Estado.

Frequentando pouco a Faculdade de Direito, fazendo-o apenas nos intervalos livres de nossos afazeres - ele, na Imprensa Oficial, e eu, no "O Povo" - não nos foi dado um maior contacto com a turma nem com os seus professores.

Ainda assim, beneficiamo-nos ambos com o saber jurídico de mestres consagrados na ciência do Direito, como Beni Carvalho, Leiria de Andrade, Martins Rodrigues, Gomes de Matos, Gustavo Braga, Gomes Parente, Belém de Figueiredo e reencontramos Jorge de Sousa, que logo nos reconheceu, saudando-nos com o cumprimento afetuoso do tempo do Liceu.

Antes da formatura, em 1937, eu me passei para o Correio do Ceará e

voltei a ensinar, ao passo que o José Maria saiu da Imprensa Oficial para o Serviço de Fomento Agrícola, chefiado pelo Dr. Esmerino Parente, de que foi secretário, e retornou também às lides do magistério, das quais não mais nos afastamos.

Dirigi um colégio, a que dei o nome de Nogueira, tendo contado com a valiosa colaboração dos irmãos, especialmente de José Maria, cuja direção transmiti a Aluísio Ferreira e este, por sua vez, em 1945, a Clodomir Teófilo Girão, que lhe atribuiu outra denominação Em 1942, inscrevemo-nos para o ingresso no CPOR, mas ele não foi aprovado nos exames físicos, deixando de fazer as provas intelectuais, o que não aconteceu comigo que, logrando aprovação em todas elas, passei a integrar a 1ª turma daquele Centro, comandado pelo cap. Hiram Soares Bulcão, onde tive como colega Mozart Soriano Aderaldo, meu companheiro igualmente de estágio no 23 BC.

José Maria casou-se em 1942 com a professora Maria Alda Meireles de Oliveira, de cujo consórcio houve os seguintes filhos: José Hilton, jornalista, Inês de Oliveira Andrade, casada com Ademar Marinho de Andrade, Francisco Sérgio, agrônomo da SUDEC, Lúcio Telmo, economista, do Banco do Nordeste, Eliane, falecida, e Jorge Luís, estudante.

No mesmo ano, candidatou-se ao concurso de inspetor de ensino secundário, promovido pelo DASP, classificando-se num dos primeiros lugares não só no Ceará mas em todo o Brasil. Foi designado inspetor junto a diversos estabelecimentos de Fortaleza, merecendo sua atuação o elogio das autoridades educacionais brasileiras, que foram unânimes em proclamar o seu valor. Em face disso, ao ser instituído o sistema de suplementação de salário-aula, de que se tornou autoridade em todo o país, viu-se requisitado para trabalhar no Ministério da Educação e Cultura.

Com a permissão, pela Constituição de 1946, de acumulação de cargos técnicos, como era o seu caso, com os de magistério, foi nomeado professor da Escola Normal, sendo efetivado por concurso de títulos.

Nessa ocasião, a direção de "O Povo" o distinguiu com um convite para supervisionar sua página educacional, o que fez com muita mestria, escrevendo artigos que tiveram intensa repercussão.

Um deles, que foi muito discutido, consistiu em defender a volta da Educação Moral e Cívica aos currículos escolares, idéia vitoriosa posteriormente e que passou a ser encampada pelos que a combateram e lhe desferiram fortes ataques.

Chamado a trabalhar nos "Diários Associados", onde já militávamos o Antonio Carlos e eu, dirigiu, ali, por alguns anos, a sua seção de "Educação", até que, com a revolução de 1964, foi designado Delegado Regional do MEC neste Estado, funções ocupadas anteriormente por técnicos em Educação, como Hugo Porto e Lauro de Oliveira Lima.

G.S. Nobre, deste Instituto, em sua importante obra "Introdução à

História do Jornalismo Cearense", assinala, à fl. 55 "...os irmãos José Maria e João Hipólito Campos de Oliveira publicaram execelentes páginas especializadas, no *Correio do Ceará,* no *Unitário* e no *"O Povo"* sobre assuntos educacionais.

Pelos serviços relevantes que prestou ao ensino na Brasil, foi-lhe outorgada, no governo Médici, graças à proposta do Ministro Jarbas Passarinho, titular da Pasta da Educação, a medalha de mérito educacional.

Na função de Delegado Regional do MEC permaneceu por mais alguns anos, num período superior a 10 (dez) anos, sendo substituido nas vésperas de sua aposentadoria, quando muito se poderia esperar ainda de sua reconhecida experiência.

O afastamento da chefia, antes de se aposentar, foi um impacto violento para José Maria, sobretudo porque o fato ocorreu, precisamente, há três ano, num Dia do Professor, cuja classe ele soube honrar com seu grande tirocínio.

Instalou-se, no meu escritório, como advogado, em que se afirmou, de logo, como cultor do Direito, pois os seus trabalhos primavam pela ordenação jurídica e pela beleza de estilo.

Atuou, entre outras, nas causas da Prefeitura de Pacatuba e, por indicação de Marcos Botelho, da Fundação Getúlio Vargas, do Rio de Janeiro, cujos interesses defendeu na Justiça do Trabalho.

Homem de vida interior, do aconchego do lar e do recesso do gabinete, não se adaptava às galas da tribuna nem às pompas da sociedade. Era o mestre do informalismo da aula; era o amigo da espontaneidade da palavra; era o memorialista da singeleza das reminiscências.

Não trajava bem, mas se compensava, certamente, sem nenhum narcisismo, diante da elegância com que vestia e revestia suas idéias; de seu bom gosto literário e da sua atualidade cultural.

Substituiu-me nas colunas que me foram confiadas nos "Diários Associados", órgãos a que nossa família se vinculou indestrutivelmente, desenvolvendo-as mais do que o autor.

Na seção do "Unitário", durante minha permanência nos Estados Unidos, contemplado com uma bolsa pelo Instituto Internacional de Educação, ele organizou verdadeira antologia de ditos históricos. Colecionou seu trabalho, que daria um livro sob o título que usou "Frases que a história registra", como se vê da miscelânea, de sua autoria, que ofereci, em seu nome, ao Instituto do Ceará.

Discorreu magistralmente sobre esses pensamentos, dignos de terem sido enfeixados em volume, mas ele não teve recursos para publicá-los. Deu publicidade, apenas, a um livrinho, que foi um cântico de exaltação à sua filha Eliane, falecida quando aluna do Jardim de Infância do Colégio 7 de

Setembro, a quem ele dedicou, depois, estas trovas:

Eliane, um nome lindo,
Que murmuro como prece.
Um favor estou pedindo:
Escuta-me e não me esquece

São seis pedras preciosas
As seis letras de teu nome.
Eliane, buquê de rosas,
Que nem o tempo consome

Eliane, rebento em flor,
De todas a mais querida,
Transfiro para ela o amor
Que conservei toda a vida.

Teu nome - linda oração -
Minha reza predileta.
Se faço a comparação,
O pecado é do poeta.

Nas minhas ausências de Fortaleza, por motivo de viagem, preparava o "Calendário", conservando as minhas iniciais, e na sua elaboração me excedeu de muito, como pesquisador arguto e atento que o era.

O José Maria é que devia ter vindo para a Casa de Barão de Studart, pois, mais do que eu, tinha tudo para engrandecer o Instituto do Ceará, alvo de sua atenção, desde os tempos do Colégio Nogueira, onde o livro de leitura adotado, o Ano Escolar, organizado pelo prof. Nogueira, continha vários trabalhos de antecessores nossos, como Barão de Studart, Juvenal Galeno, Rodolfo Teófilo, Antonio Teodorico da Costa, Fernandes Távora, Eusébio de Sousa, Leonardo Mota, João Nogueira, José Lino da Justa e Andrade Furtado.

Quero ocupar-me, finalmente, de duas facetas pouco conhecidas da vida de meu irmão: o administrador e o poeta, que ele o foi, nas horas de lazer.

Seus entretenimentos eram de natureza intelectuais: poesias, palavras cruzadas, charadismo, enigmas, adivinhações e numerologia, revelando-se, nesse particular, perfeito continuador da obra de Joaquim da Costa Nogueira.

Com que facilidade ele matava as charadas; com que destreza ele manejava o vocábulo preciso neste jogos de inteligência!

Adepto da numerologia, como eu o sou da mesma forma, tudo isto por obra e graças do professor Nogueira, a quem um ex-colega, o almirante

Wilson Acioli Aires, em carta que me escreveu, classificou inteligentemene de Júlio Verne da educação cearense, impressionavam-lhe as curiosidades numéricas.

Interessante é que as mesmas observações que ele fez com relação às suas datas e às do prof. Nogueira já haviam acudido ao meu espírito quer quanto às deles quer quanto às minhas.

Salientei a coincidência, no tocante à minha pessoa, na rotarigravura, uma espécie de autobigrafia, que escrevi, para o Boletim do Rotary Club de Fortaleza Leste.

Mostrei, na oportunidade, que estava sob o signo de 5, visto como havia nascido numa terça-feira, palavra formada de 10 letras, dobro de 5, como sexta-feira, num dia 15, múltiplo de 5, no quinto mês do ano, maio, e, como para esconder a idade, que o acontecimento se verificara no século 20, que é quádruplo de 5.

O nascimento de José Maria foi numa 6ª feira, que é o 5º dia útil da semana, num dia 10, do mês de dezembro, que, se não é o décimo mês do ano, o lembra pelo denominação, e no ano de 15. Seu falecimento ocorreu numa 5ª feira, num dia 19, cuja soma dos algarismos dá 10, no mês de outubro, que é o décimo mês do ano, e em 78, algarismos que, somados, totalizam 15.

Já o algoritmo do professor Nogueira, para usar um termo de seu agrado e que deve estar em moda como bioritmo, era o 7, nascido que foi num dia 28, múltiplo de 7, no mês de dezembro, do ano de 1866, algarismos que, somados, perfazem 21, triplo de 7, e falecido num dia 21 de julho, sétimo mês do ano, em 1935, cuja dezena final é o quintuplo de 7.

Essas incursões pelo mundo da simbologia nada têm a cabalísticas mas de cabralísticas, porque, derivados das calmarias intelectuais, não passam, às vezes, de meras coincidências e, outras, de achados até forçados.

Como administrador, além de sua brilhante passagem pela Delegacia Regional do Ensino, ele se impôs como secretário da administação Leite Maranhão, na Prefeitura de Fortaleza. Essa sua qualidade já foi enaltecida por Adauto Gondim (Laurindo Fonseca) em sentida crônica sobre os amigos falecidos.

José Valdevino ressaltou, em comovente artigo, a prestimosa colaboração que lhe deu o José Maria, ao pleitear seu retorno aos quadros da repartição, com a permissão das acumulações, uma vez que se afastara da inspeção de ensino para dedicar-se exclusivamente ao magistério.

Mozart Soriano Aderaldo, em depoimento repassado de ternura, na última sessão desta casa, ofereceu o seu testemunho insuspeito sobre a valiosa ajuda que recebeu da parte dele, num caso do interesse de sua esposa.

Clodomir Teófilo Girão, sempre amigo, teceu o necrológio de José Maria, o mesmo fazendo Francisco Lima numa primorosa crônica, intitula-

da "A homenagem esquecida".

Do poeta, tinha conhecimento, porque, quando quartanista do Liceu, ele compôs verdadeiro poema em prosa, de exaltação a Fortaleza, o qual teve como prefaciador,, se não me falha a memória, seu colega de turma Germano Machado Holanda.

Ao entregar à sua família, depois de seu falecimento, o material que ele guardava na sua mesa de trabalho no escritório de advocacia que mantínhamos no Palácio Progresso, encontrei algumas das trovas que produziu, afora a indicação de outras poesias, como sonetos, que infelizmente não consegui ainda descobrir.

Eis uma amostra do seu versejar, através destas 30 trovas escolhidas, com as quatro já citadas, em que ele deixa, patente, a sua fina sensibilidade:

Não sei como esquecê-la;
No jardim está na rosa,
No céu naquela estrela,
Que brilha tão radiosa

Não me sais do pensamento,
Penso em ti a todo instante,
Vejo-te a todo momento,
Mesmo estando distante

Esta vontade de ver-te,
Enlaçada nos braços meus,
Esta ânsia de querer-te,
Será saudade, meu Deus?

Aguardei a tua chegada.
Você veio e não ficou.
Até o sol não viu nada,
No poente se ocultou.

Não sei dizer-te até quando?
De esperar serei capaz,
Pois continuo esperando
Por quem não virá jamais.

Eu vivo na solidão,
Venha me trazer calor.
É triste a situação
De quem vive sem amor.

Teus olhos, minha querida,
São faróis iluminados,
Que dirigem minha vida,
Buscando melhores fados

No céu há lindas estrelas,
Cintilantes, já se vê,
Mas não preciso colhê-las
Pois meu mundo é só você

Vou revelar um segredo,
Que guardo no coração,
Sem ela, meu Deus, tenho medo
De viver na solidão.

O meu passado foi duro,
O meu presente é bem triste,
Como será meu futuro
Se de meus braços fugiste?

O final de minha estrada,
Feita de pedras e espinhos,
Está bem próximo, Amada,
Não me faltem teus carinhos.

Esta paz que sinto agora,
Tranquila serenidade,
Você relembra a aurora
Da distante mocidade.

Futuro, que está tardando,
Prometes, porém não vens;
Foges de mim até quando?
Oh! quantos mistérios tens?

Renasceu uma criança
Como na fábula. Em mim
Só me resta a esperança
De você me dar um sim

Que nome tem a tristeza,
Que ao cair do Sol invade.
Minha alma, pobre, indefesa,
Será amor ou saudade?

Muito felizes seremos.
O horóscopo é que diz:
Nós dois juntos viveremos
Na união que Deus quis

Onde estás que não respondes
Ao meu aflito chamado?
Onde é que tu te escondes,
Que não ouves o meu brado?

Do sonho da mocidade
Dum lar tranquilo e feliz
Só me resta uma saudade
De tudo que de bom fiz!

"Até que a morte os separe"
Proclamam padre e juiz,
Mas nenhum deles, repare,
Diz como se ser feliz

Não tens o condão de fada,
Mas possuis mistério tal,
Que tua simples chamada
Encerra força total.

Tuas mágoas ouvirei,
As minhas tu ouvirás,
Teu pranto enxugarei,
A mim me consolarás.

Tens a graça da bonina,
A leveza duma pluma,
Teu doce beijo, menina,
A minha boca perfuma.

Terrível realidade!
Tive muitas decepções.
Dos sonhos da mocidade
Só restam desilusões.

Minha mãe, Deus a levou,
No céu há mais uma Santa.
A ela pedindo estou
Por quem minha vida encanta.

Quis fazer dela rainha,
Entreguei-lhe o coração,
Quis ser bom, oh! sina minha -
Não tive compreensão!

Diga logo se me quer;
Se não quer, diga também.
Não passe uma hora sequer
Sem dizer que me quer bem.

Suas atividades funcionais, como técnico em ensino , como professor, como jornalista, gravitaram em torno da educação, dele podendo dizer-se, parodiando Sílvio Júlio, na caracterização do Ceará, que sua existência não foi um salão de baile, mas, acrescento eu, uma sala de aula, que não estava, todavia, bem aparelhada para os poderosos instrumentos de que dispunha.

Uma feita, um secretário de colégio, em tom de brincadeira, tal a meticulosidade de sua chamada, dirigiu-lhe uma pilhéria, lamentando que ele estivesse colocando presença num aluno recentemente falecido, ao que

ele respondeu com muita ironia: ''só se é a alma dele que está respondendo *presente*''.

Nos momentos de lembranças , quando o chamo, estou a ouvir o seu espírito respondendo *pronto*, com a mesma solicitude que sempre dispensou ao irmão, ora privado de sua companhia que lhe foi tão agradável.

Seus últimos instantes foram como os descritos por William Makepeace Thackeray em seu ''The New Comes'': ''Quando soou o toque final, um sorriso doce iluminou seu rosto pálido, levantou um pouco a cabeça cansada e, com firmeza, pronunciou as últimas palavras: Presente!''. Esta era a resposta que ele, coração de menino, costumava dar como aluno e ouvir como professor, e com ela atendeu, também, ao chamamento do Divino Mestre.

E a sua consciência, leve como a pluma e terna como a bonina, que ele descreveu em suas trovas, foi o seu macio travesseiro no sono sem sonho, no repouso eterno.

Agradeço, vivamente sensibilizado, o voto de profundo pesar requerido por Mozart Soriano Aderaldo e aprovado à unanimidade, pelo Instituto do Ceará, com as manifestações pessoais de Francisco Alves, Itamar Espíndola, Alencar Araripe e de seu presidente Carlos Studart Filho, como consta da ata de sua sessão do dia 4 de novembro de 1978.